

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

Educação: Políticas, Estrutura e Organização 7

Atena
Editora
Ano 2019

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Educação: Políticas, Estrutura e Organização

7

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : políticas, estrutura e organização 7 / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Educação: Políticas, Estrutura e Organização; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-308-8

DOI 10.22533/at.ed.088190304

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Currículo escolar – Brasil. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. 4. Políticas educacionais. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação: Políticas, Estrutura e Organização – Parte 7” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola nem sempre é o melhor lugar para que ela ocorra. A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular.

A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade.

Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO HÍBRIDO: A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO PARA O ENGAJAMENTO DO ALUNO NAS DISCIPLINAS SEMIPRESENCIAIS	
Adriano Rosa Alves Eliza Adriana Sheuer Nantes	
DOI 10.22533/at.ed.0881903041	
CAPÍTULO 2	17
ENTRE A LEGISLAÇÃO E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE O PPC DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA UFPA	
Erita Evelin da Silva Silva Wilma de Nazaré Baía Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.0881903042	
CAPÍTULO 3	29
ENTRE METODOLOGIAS E PROJETOS DE PESQUISA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM LICENCIANDOS EM MÚSICA	
Elisa da Silva e Cunha Maria Cecília de Araujo Rodrigues Torres	
DOI 10.22533/at.ed.0881903043	
CAPÍTULO 4	37
ERA UMA VEZ... UM DIÁLOGO COM A LITERATURA INFANTIL E O CORPO EM MOVIMENTO	
Sára Maria Pinheiro Peixoto Ana Aparecida Tavares da Silveira Fabyana Soares de Oliveira Marcilene França da Silva Tabosa Maria Aparecida Dias	
DOI 10.22533/at.ed.0881903044	
CAPÍTULO 5	47
ESCOLA DE PALHA, DE MADEIRA OU DE TIJOLOS? A IMPORTÂNCIA DA INFRAESTRUTURA DAS ESCOLAS PÚBLICAS NA PROMOÇÃO DA PERMANÊNCIA E SUCESSO ESTUDANTIL	
Mariana Rocha Fortunato Beatriz Oliveira Duarte Simone Braz Ferreira Gontijo	
DOI 10.22533/at.ed.0881903045	
CAPÍTULO 6	56
ESCOLA EFICAZ: QUAL É O OLHAR DOS DOCENTES DAS ESCOLAS EM TEMPO INTEGRAL DE PERNAMBUCO?	
Vilma Cleucia de Macedo Jurema Freire	
DOI 10.22533/at.ed.0881903046	

CAPÍTULO 7	65
ESPIRAL DE SENTIDOS E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA PARA GRADUANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRN	
<p>Josângela Bezerra da Silva Marcelo dos Santos Bezerra Elda Silva do Nascimento Melo</p>	
DOI 10.22533/at.ed.0881903047	
CAPÍTULO 8	77
ESSE PAPEL NÃO É SÓ SEU, É DA ESCOLA!	
<p>Elcio Galioni Fernanda Aparecida Loiola Barbosa Mariana Fogaça Marcelo</p>	
DOI 10.22533/at.ed.0881903048	
CAPÍTULO 9	83
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ANÁLISE E PERCEPÇÃO DAS AULAS DE MATEMÁTICA	
<p>Antonia Dália Chagas Gomes Cibelle Euridice Araújo Sousa Francisco Jucivânio Félix de Sousa</p>	
DOI 10.22533/at.ed.0881903049	
CAPÍTULO 10	91
ESTUDO COMO ATIVIDADE ARTÍSTICA	
<p>Adriana Vieira Lins Ciro Bezerra Claudio da Costa Alluska Souza Cavalcante</p>	
DOI 10.22533/at.ed.08819030410	
CAPÍTULO 11	100
ESTUDO E VIRTUDE: CONTRADIÇÕES NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
<p>Ciro Bezerra Daniella Meneses de Oliveira Arroxellas Denis Avelino Roseane Nascimento</p>	
DOI 10.22533/at.ed.08819030411	
CAPÍTULO 12	108
ESTUDO SOBRE OS PRIMEIROS PLANOS DE AULA APRESENTADOS POR ALUNOS DE UMA GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA	
<p>Otávio Vieira Sobreira Júnior Francisco Wagner de Sousa Paula Lydia Dayanne Maia Pantoja Germana Costa Paixão</p>	
DOI 10.22533/at.ed.08819030412	

CAPÍTULO 13	118
EXAME NACIONAL PARA CERTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DE JOVENS E ADULTOS: COMPETÊNCIA, CERTIFICAÇÃO E NEGAÇÃO	
Marcilene Ferreira Rodrigues Valdivina Alves Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.08819030413	
CAPÍTULO 14	132
EXPECTATIVA VS REALIDADE: JOVENS ALÉM DOS FONES DE OUVIDO	
Alice Luz Elisa da Silva e Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.08819030414	
CAPÍTULO 15	142
EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO SUPERIOR: O RELATO DE UMA ESTUDANTE SURDA EM UMA ESCOLA INCLUSIVA	
Cristiane Gomes Ferreira Sabrina de Azevedo Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.08819030415	
CAPÍTULO 16	152
EXPERIÊNCIAS ELENCADAS NO PROJETO “LETRANDO NO LUGAR ONDE VIVO!” APLICADAS NA ESCOLA MUNICIPAL DR. MILTON SOLDANI AFONSO, EM CAMPO MAIOR – PIAUÍ	
Julianna Soares de Sousa Márcia Cristina dos Santos Costa	
DOI 10.22533/at.ed.08819030416	
CAPÍTULO 17	169
EXPLORANDO O CORPO HUMANO: DISCURSOS EM LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO	
Jucenilde Thalissa de Oliveira Fernando Vinícius Pereira de Almeida Jackson Ronie Sá-Silva Marcos Felipe Silva Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.08819030417	
CAPÍTULO 18	174
FALTA DE ATIVISMO DOCENTE: DESCARACTERIZAÇÃO DA PROFISSÃO - CENTRO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Genilda Alves Nascimento Melo Célia Jesus dos Santos Silva Andréia Quinto dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.08819030418	

CAPÍTULO 19	185
FATORES DA EVASÃO ESCOLAR: NA ESCOLA JOSÉ DO PATROCÍNIO, DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA, NO DISTRITO DE FAZENDINHA EM MACAPÁ, AMAPÁ – BRASIL	
Maria Raimunda Valente de Oliveira Damasceno Nilda Miranda da Silva Diana Socorro Leal Barreto Eliana da Silva Rodrigues Irany Gomes Barros	
DOI 10.22533/at.ed.08819030419	
CAPÍTULO 20	196
FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE LIBRAS EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS PARANAENSES	
Josiane Junia Facundo de Almeida André Luis Onório Coneglian Antônio Aparecido de Almeida Cleusa Camargo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.08819030420	
CAPÍTULO 21	207
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM CONTEXTOS VIRTUAIS: AS REDES DE COLABORAÇÃO COMO NOVAS FORMAS DE APRENDER E ENSINAR	
Ana Lúcia de Souza Lopes Marili Moreira da Silva Vieira Claudia Coelho Hardagh	
DOI 10.22533/at.ed.08819030421	
CAPÍTULO 22	219
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: O DIÁLOGO E A PARTICIPAÇÃO COMO PRINCÍPIOS FORMATIVOS	
Maria Perpétua do Socorro Beserra Soares	
DOI 10.22533/at.ed.08819030422	
CAPÍTULO 23	231
FORMAÇÃO CONTINUADA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR? O LUGAR DO TÉCNICO ADMINISTRATIVO EM EDUCAÇÃO	
Nancy Costa de Oliveira Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.08819030423	
CAPÍTULO 24	243
FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O ENSINO DA DIVERSIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR	
Oswaldo Jefferson da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.08819030424	

CAPÍTULO 25	254
FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE O ENSINO DE MATEMÁTICA E CIÊNCIAS DA NATUREZA	
Adriana Camejo da Silva Aroma Paulo Fraga da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.08819030425	
CAPÍTULO 26	265
FORMAÇÃO TÉCNICA E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: REFLEXÕES DA EDUCAÇÃO PERMANENTE COM A PRÁTICA	
Queila Carla Ramos da Silva Alcantara Ana de Kássia Silva Lyra Sebastião Soares Lyra Netto Jedida Severina de Andrade Melo Rosilene Tarcisa da Silva Lisboa Andréia Gilzélia de Arruda Santana Paula Helena da Rocha Silva	
DOI 10.22533/at.ed.08819030426	
CAPÍTULO 27	282
FRACTAIS COMO EIXO INTEGRADOR ENTRE AS DISCIPLINAS DE QUÍMICA E ARTES	
Samara Régia de Andrade Pascoal Eron Santos de Souza Marianne Louise Marinho Mendes Cristhiane Maria Bazilio de Omena	
DOI 10.22533/at.ed.08819030427	
CAPÍTULO 28	290
FUNÇÕES QUADRÁTICAS ATRAVÉS DE AULAS DINAMIZADAS COM <i>SOFTWARE</i> : UMA PROPOSTA PARA O EJA	
Rosângela Araújo da Silva Luana da Silva Dantas Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.08819030428	
CAPÍTULO 29	298
FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PRESENTES EM PESQUISAS COM MODELAGEM MATEMÁTICA EM ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA BOLEMA	
Daniel Santos de Carvalho Everton Soares Cangussu Naralina Viana Soares da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.08819030429	
CAPÍTULO 30	310
GAMIFICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Cristiana Marinho da Costa Janaina Alves de Lima Nathalya Marillya de Andrade Silva Josley Maycon de Sousa Nóbrega Jefferson Silva Costa Quercia Carvalho Eloi	
DOI 10.22533/at.ed.08819030430	

CAPÍTULO 31	315
GÊNERO: UMA ANÁLISE DOS MATERIAIS DIDÁTICOS EM UMA ESCOLA CATÓLICA	
Selmara Lima de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.08819030431	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	320

ESPIRAL DE SENTIDOS E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA PARA GRADUANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRN

Josângela Bezerra da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(UFRN)
Natal – RN

Marcelo dos Santos Bezerra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(UFRN)
Natal – RN

Elda Silva do Nascimento Melo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(UFRN)
Natal – RN

RESUMO: Este trabalho resulta de uma pesquisa monográfica intitulada: As representações sociais e o lugar das discussões de gênero na formação de pedagogos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, cujo objetivo era captar as representações sociais sobre gênero na escola para graduandos do curso de Pedagogia da UFRN na cidade do Natal. Participaram da pesquisa 54 sujeitos, alunos do curso de Pedagogia da UFRN, no ano de 2017. Utilizou-se como instrumento para construção dos dados daquela pesquisa a Técnica de Associação Livre de Palavras – TALP. Esse artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre os resultados da referida pesquisa monográfica. Para tanto, o referencial teórico e metodológico está embasado tanto na Teoria

das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2015) e (JODELET, 2001), como na teorização de gênero (DIAS, 2014), (FOUCAULT, 1998), entre outros. Para a análise de conteúdo utilizamos (BARDIN, 2011). Os resultados foram organizados por meio do Espiral de Sentidos (ELDA, 2018), o que torna inteligível os elementos estruturantes das representações sociais dos pesquisados, bem como a constituição do núcleo central que resultou em: polêmica, necessária e importante. Esses elementos revelam que na formação inicial dos pedagogos há um silenciamento nas discussões sobre gênero. Ademais, considerando a partilha de informações dos investigados, percebemos por um lado que há resistência em discutir esse tema na formação dos pedagogos, mas por outro há consciência acerca da importância e necessidade de contextualizá-lo nas práticas pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE: Representações sociais. Gênero na escola. Formação de pedagogos. Espiral de sentidos.

ABSTRACT: This work results from a monographic research entitled: The social representations and the place of the gender discussions in the formation of pedagogues at the Federal University of Rio Grande do Norte – FURN, whose objective was to capture the social representations about gender discussion

in the school for students from Pedagogy course at FURN in Natal city. Fifty-four students from the Pedagogy course at FURN participated in the study in 2017. The Free Speech Association Technique – FSAT – was used as a tool for the construction of the data of that research. This article aims to present reflections on the results from that monographic research. For this, the theoretical and methodological framework is based on both the Theory of Social Representations (MOSCOVICI, 2015) and (JODELET, 2001) as in the theorization of gender (DIAS, 2014), among others. For content analysis we used (BARDIN, 2011). The results were organized in Spiral of Senses (ELDA, 2018), which makes intelligible the structuring elements of the social representations of the researched students, as well as the constitution of the central nucleus that resulted in: polemic, necessary and important. These elements reveal that in the initial formation of pedagogues there is a silencing in the discussions about gender. In addition, considering the information sharing from investigated students, we perceived, on the one hand, there is resistance in discussing this topic in the formation of pedagogues, but on the other hand, there is consciousness about the importance and necessity of contextualizing it in pedagogical practices.

KEYWORDS: Social representations. Gender in school. Formation of pedagogues. Spiral of senses.

1 | INTRODUÇÃO

Considerando sua função social, a escola assume a responsabilidade de ser um espaço privilegiado para o exercício da cidadania e da democracia quando é capaz de oferecer espaços formativos e proporcionar ao conjunto de alunos, pais, professores e funcionários ativa participação na tomada de decisões e nos espaços de representação. Nesse processo, é fundamental que os diferentes sujeitos participantes do processo educativo possam se posicionar e agir com alteridade. Assim, faz-se necessário considerar a diversidade de identidades que compõe a escola, incluindo as diversidades de gênero, etnia e cultura como forma de dialogar com determinados padrões que hierarquizam as relações sociais e causam pré-conceitos e violências, sobretudo a violência simbólica.

Pesquisas apontam que um em cada dez estudantes brasileiros é vítima de bullying, ou seja, ocorrem agressões físicas e psicológicas dentro da escola. Esse número compõe um levantamento da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE – em parceria com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA – no ano de 2015 acerca do bem-estar dos alunos no ambiente escolar. Muitos desses números de violência na escola estão relacionados à condição de gênero desses indivíduos, cujos jovens não admitem que são vítimas devido aos sentimentos de medo, culpa ou vergonha que adquirem nessas situações de conflitos.

Igualmente, alarmante são os dados da pesquisa nacional realizada pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT

– sobre ambiente educacional no Brasil em 2016, cujos relatos são de experiências sobre a incidência de violências físicas e psicológicas entre alunos e alunas que identificam-se como lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – LGBT. Ainda de acordo com os dados dessa pesquisa, 73% afirmam ter sofrido agressões verbais e 36% dizem ter sofrido agressões físicas na escola.

Devido à relevância desses fatos, bem como da pesquisa monográfica que embasa esse trabalho, o objetivo deste artigo é apresentar reflexões sobre as representações sociais de gênero na escola na formação de pedagogos no curso de Pedagogia na UFRN. A partir dessas representações buscamos perceber se as falas dos sujeitos dessa pesquisa sobre gênero sinalizam contribuições ou não na formação inicial dos referidos licenciandos. Escolhemos como lócus da pesquisa o curso de Pedagogia da UFRN por ser os profissionais da educação responsáveis pelo processo de escolarização de crianças. Ademais, são nos primeiros momentos da vida escolar em que as crianças são submetidas a um processo de socialização que terá relevância para sua formação individual, social, intelectual, biológica e afetiva.

Acreditamos na relevância desse estudo devido à importância do tema em questão e a necessidade de refletir sobre estratégias didáticas durante a formação inicial para o pedagogo acerca das discussões sobre gênero na escola, sobretudo em um momento histórico e social de timidez ou ausência de políticas nacionais, estaduais e municipais que reduzem ou retiram a temática do currículo oficial. Contudo, cabe ressaltar que embora haja um certo silenciamento das discussões de gênero nas políticas educacionais, ainda não há proibição legal que impeça a abordagem didática e pedagógica dessa temática nas escolas pelos pedagogos.

Por esses motivos, torna-se fundamental que os pedagogos possam se apropriar das discussões e reflexões teóricas sobre gênero no percurso formativo da graduação. Assim, nesse contexto se impõe a seguinte questão: Como as representações sociais de gênero na escola são elaboradas na formação inicial dos licenciandos no curso de Pedagogia da UFRN?

Para responder essa pergunta que orienta todo este presente trabalho, dividimos o artigo em três seções. Na primeira seção faremos uma breve contextualização da Teoria das Representações Sociais – TRS conforme Moscovici (2015) e Jodelet (2001), assim como das teorias de gênero conforme Scott (1993), Louro (2014), Butler (2015) e Foucault (1998) sob uma perspectiva dos estudos culturalistas que inserem corpo, sexo e gênero como constructos sociais. Na segunda seção abordaremos a metodologia desta investigação. Na terceira seção apresentaremos nossas reflexões e o Espiral de Sentidos acerca dos resultados da pesquisa monográfica e, por último, traremos as conclusões desse estudo científico.

2 | BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AS TEORIAS DE GÊNERO

A Teoria das Representações Sociais foi desenvolvida pelo psicólogo social romeno Serge Moscovici e publicada em 1961. Ele revitalizou tanto o conceito das representações coletivas de Durkheim, ampliando o campo de análises daquelas representações, como rompeu com o pensamento positivista e o individualismo teórico da época que prevalecia na psicologia social. Assim, por meio do pensamento dialético elaborou paradigmas para estudar as relações sujeito-objeto, social-cognitivo, sobretudo as interações existentes entre as manifestações culturais desses sujeitos e as representações das coisas. (MOSCOVICI, 2015)

Nesse sentido, as representações sociais estão situadas no contexto entre o indivíduo e o social. Ou seja, sujeito e sistemas estão interligados com o objeto representado. Assim, a finalidade das representações sociais é tornar familiar aquilo que não é. É possibilitar dar sentido ao comportamento. De fato, contidas em um ciclo de retroalimentação, as representações sociais vão ressignificando imagens, opiniões e pontos de vistas de um lugar para outro, de um determinado grupo para outro grupo. Portanto, para Moscovici (2015) a noção de representação social é uma percepção da coisa/objeto que se sustenta durante o tempo que for necessário.

Para Jodelet (2001), essa percepção do objeto é o que faz situar o sujeito no mundo, na sociedade, nos sistemas e nos grupos, criando suas próprias representações sociais do objeto e auxiliando-o como guia diante da vida cotidiana. Dessa forma, o sujeito toma por base esses conhecimentos para fazer escolhas e decidir sobre ações e (re)posicionamentos no campo social. Sendo assim, um grupo de sujeitos diante de uma situação de estranheza ou crise, irá recorrer a elementos e conhecimentos que os auxiliem na condução de tomadas de decisões e que, além disso, mantenham o status daquilo que é mais precioso e caro para a existência do grupo. (JODELET, 2001)

Atualmente, as teorias tradicionais de gênero, sobretudo, o essencialismo biológico, ainda exercem influências na sociedade acerca dos papéis sociais de homens e de mulheres. De acordo com Roudinesco (2008) essas teorias são difundidas desde o século XVI a partir da igreja católica. No século XIX algumas correntes científicas como o darwinismo social, a neuropsicologia, dentre outras, se empenharam em aprimorá-las e reforça-las a partir do pressuposto de que os aspectos biológicos inatos seriam responsáveis por definir as características psicológicas e a subjetividade dos indivíduos.

Nesse contexto, Foucault (1998) conceitua a sexualidade como um dispositivo histórico, concebida por inúmeros discursos sobre o sexo, os quais são carregados de normatização, regulação e saberes que produzem verdades. Esse constructo unívoco do sexo é produzido a partir da regulação e do controle social da sexualidade. Por isso, aparece no discurso escolar como causa, como uma essência interior que produz e torna inteligível todo tipo de sensação, prazer e desejo como específicos de um sexo.

Influenciada por Foucault, Scott (1993) concebe gênero como sendo um saber sobre as diferenças sexuais. Isto é, as relações de gênero e os estudos de gênero ganham sentido, quando contextualizadas nas relações de saber e de poder. É na definição dos lugares sociais ocupados por homens e por mulheres e nas relações sociais estabelecidas por eles nas estruturas de poder, dos quais são produzidos os símbolos e significados de reprodução social das diferenças baseadas no sexo.

Butler (2015) busca através da historicização do corpo e do sexo colocar em xeque a dicotomia sexo/gênero por entender que a mesma legitima a ordem social compulsória e binária que torna obrigatória a correspondência entre um sexo e um gênero, um desejo e uma prática necessariamente heterossexual. Como solução dessa lógica binária e compulsória de se conceber o corpo, o sexo e o gênero a autora propõe subvertê-la considerando que o sexo, pênis ou vagina, não se constitui em um condicionante para as práticas sexuais ou definição do gênero dos sujeitos.

Para Louro (2014, p. 11) “os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com marcas dessa cultura”. Nessa perspectiva, sexo, gênero e corpo se constituem em categorias discursivas e, para tanto, esse discurso é componente inerente de qualquer teoria, no qual “não apenas traduz os sistemas de dominação, mas também é o instrumento de poder de que todos querem se apoderar”. (FOUCAULT, 1998, p. 10)

3 | METODOLOGIA

Para construção dos dados empíricos na pesquisa monográfica, utilizou-se a Técnica de Associação Livre de Palavras – TALP – aplicada aos alunos e alunas licenciandos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Outrossim, também se utilizou de observações feitas durante a aplicação da TALP provenientes de anotações em diário de campo.

A TALP é uma técnica projetiva – insight psicológico – que nos permite, por meio de um termo indutor, apreender a verdadeira natureza da representação social dos pesquisados, uma vez que diminui a capacidade de reflexão e da influência da retórica e se constitui em instrumento bastante utilizado nos estudos das representações sociais. O método consiste em induzir os participantes da pesquisa a evocarem palavras que se manifestam no campo simbólico e que guardam relação com o tema proposto pelo termo indutor. Em seguida os participantes da pesquisa são orientados a classificar as palavras por ordem de importância para eles próprios, e, finalmente, devem justificar suas escolhas e classificações dos termos evocados.

A TALP foi aplicada junto aos sujeitos desse estudo no final do primeiro semestre letivo do ano de 2017. Escolhemos como termo indutor: “DISCUSSÃO DE GÊNERO NA ESCOLA É...”, cuja a aplicação do referido instrumento ocorreu no turno matutino

tanto nas salas de aula, como nos espaços de convivência do Centro de Educação da UFRN. Previamente à aplicação da TALP, foram prestadas explicações aos participantes acerca da pesquisa, isto é, o porquê da escolha e do uso do instrumento para construção dos dados, os objetivos da investigação científica e a garantia do anonimato das informações. É importante mencionar que os participantes aceitaram de maneira voluntária participar da pesquisa. As fichas da TALP foram numeradas e organizadas para facilitar o manuseio no processo de análise de conteúdo.

Após a aplicação da TALP obtivemos os números abaixo na tabela 1:

Número de pesquisados	54
Quantidade de termos evocados	162
Quantidade de termos considerados	42
Frequência mínima de evocações consideradas	02

Tabela 1: TÉCNICA DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS – TALP

Fonte: elaborado pelos autores.

Percebe-se que há uma diferença numérica entre os termos evocados e os termos considerados, na qual se deu por uma organização que realizamos por meio da eliminação de termos e palavras ou que se repetiam, ou que possuíam o mesmo significado conforme as justificativas dos sujeitos da pesquisa. Esse procedimento está descrito na análise de conteúdo de Bardin (2011) que utilizamos nessa pesquisa como aporte metodológico para desvendar de forma reflexiva aquilo que está preservado, escondido por trás dos significados das palavras e termos evocados durante a aplicação da TALP, ora organizados em categorias semânticas.

Outrossim, utilizamos o software EVOC para delimitar o núcleo central da representação social dos investigados dessa pesquisa. Nessa perspectiva, iniciamos inserindo todos os termos evocados pelos sujeitos no referido programa. No entanto, os termos evocados em primeiro lugar foram diferenciados por um asterisco, porque o software EVOC considera todos os termos que forem inseridos. Dessa maneira, o referido programa agrupa os termos em quatro grupos: núcleo central, elementos intermediários I e II e os elementos periféricos. Outro procedimento que deve ser realizado no EVOC é informar o ponto de corte para o número de evocações que definirá os termos que serão desconsiderados para o tratamento e delimitação das representações sociais.

Para a nossa pesquisa determinamos que esse número de corte seria 2, ou seja, os termos evocados apenas uma vez foram automaticamente retirados pelo EVOC do processo de caracterização das representações sociais do estudo. A escolha do ponto de corte foi determinada a partir do número de sujeitos participantes da pesquisa, bem como da quantidade de termos evocados. Queremos ressaltar, que para apresentar os resultados desse tratamento dos dados realizado pelo EVOC utilizamos o modelo

gráfico de abordagem estrutural em Espiral de Sentidos que explicaremos na próxima seção.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme mencionado ao longo desse estudo, utilizamos a TALP como instrumento que possibilitou obter os termos evocados acerca das representações sociais sobre a discussão de gênero na escola para os licenciados do curso de Pedagogia na UFRN. No processo de tratamento dos dados foram retirados, conforme explicado anteriormente, os termos que se repetiram na aplicação da TALP, de modo que consideramos 42 no final, cuja organização resultou em três categorias de análises, tabela 2, na qual agrupamos as palavras por aproximações semânticas e tentaremos mostrar como pensam os sujeitos dessa pesquisa.

ACEITAÇÃO	NECESSIDADE	RESISTÊNCIA
Aceitabilidade	Complexo	Confusa
Bem-vinda	Debate	Contradição
Democrático	Delicado	Desnecessário
Diversidade	Empoderamento	Difícil
Emancipatório	Desconhecimento	Equívoco
Escolha	Direito	Homossexualidade
Identidade	Doutrinação	Inapropriado
Importante	Estereótipo	Ideologia de gênero
Liberdade	Esclarecer	Polêmica
Necessária	Formação	Pouco falada
Oportunidade	Igualdade	Preconceito
Pertinente	Inclusão	Sexualidade
Respeito	Inexistente	Tabu
	Refletir	Velada
	Urgente	

Tabela 2: CATEGORIAS DE ANÁLISES

Fonte: elaborado pelos autores.

No que se refere aos resultados na categoria ACEITAÇÃO, podemos identificar que há um diálogo entre a discussão de gênero na escola com as mudanças sociais em curso no Brasil. Essa aceitação da discussão de gênero na escola se expressa nas falas dos sujeitos pesquisados como sendo um meio para mitigar os preconceitos e favorecer, assim, a convivência democrática com a diversidade. Esses apontamentos aparecem bem demarcados na fala a seguir: “Entendo que a discussão de gênero na escola é importante pois, a falta de informação pode gerar a negligência, preconceitos...

também é necessária para que a diversidade seja respeitada. Todavia, essa discussão deve acontecer bem fundamentada, trazendo a comunidade para o diálogo.” (Sujeito 30, 2017)

No que se refere à categoria NECESSIDADE, essa discussão de gênero na escola guarda relação direta com o fato dela figurar na Agenda Setting, hipótese segundo a qual a mídia pela seleção, disposição e incidência de suas notícias tem determinado os temas sobre os quais o público falará e discutirá, de modo que não é possível ignorá-la. Sobre isso os discursos dos sujeitos nos mostram que: “é necessária a discussão de gênero na educação, devido ser uma temática historicamente silenciada no ensino escolar” (sujeito 25, 2017) e “acredito que há dificuldades em discutir o tema nas escolas, pela falta de conhecimento por parte dos professores e também pelo medo, por não saber como tratar do assunto com os pais.” (Sujeito 17, 2017).

A fala dos sujeitos nos possibilita perceber que existe o reconhecimento da necessidade de se discutir gênero na escola a fim de que os fatores apontados como justificativas para o silenciamento da discussão na escola, como insegurança por parte dos professores para abordar o tema, desconhecimento e ausência de formação adequada para discutir as questões de gênero na escola e resistência das famílias, sejam discutidos.

Na categoria RESISTÊNCIA a discussão de gênero na escola legitima o discurso de que a escola deve primar pelo ensino dos conteúdos escolares obrigatórios na estrutura curricular, atribuindo a discussão de gênero como responsabilidade da família, conforme podemos ler nas falas dos pesquisados: “[...] não é papel da escola tratar desse assunto” “[...] porque na escola os alunos deveriam aprender conhecimentos científicos necessários para sua vida intelectual e social durante toda a vida.” “[...] esse tipo de educação é papel e dever da família” (Sujeito 26, 2017). Compreendemos que as narrativas trazem de forma implícita a ideia de que a não discussão das questões sobre gênero na escola, na formação dos pedagogos, preserva uma suposta orientação sexual concebida como natural que é herdada ao nascer menino ou menina.

Com base nas evocações da tabela 2 e após a organização realizada pelo EVOG, apresentamos o modelo gráfico de Espiral de Sentidos das representações sociais dos licenciandos do curso de Pedagogia da UFRN sobre a discussão de gênero na escola.

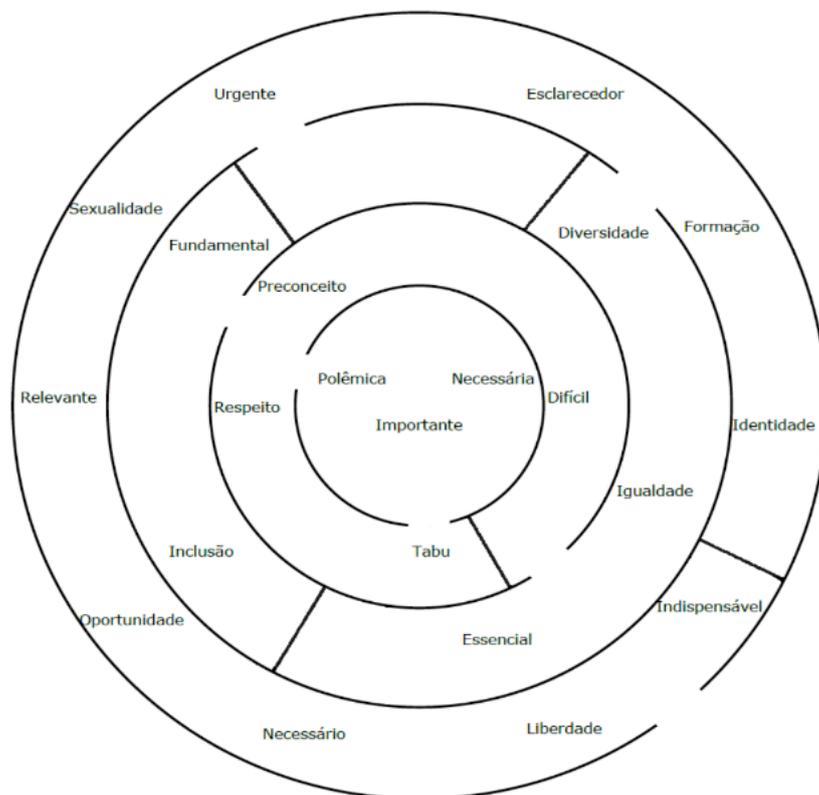


Figura 1: Abordagem estrutural: “Discussão de gênero na escola é...”

Fonte: Elaborado pelos autores.

Esta abordagem estrutural gráfica foi desenvolvida e aperfeiçoada, desde o ano de 2016, pela professora doutora Elda Silva do Nascimento Melo, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, e divulgada na Conferência Internacional sobre Representações Sociais 2018 em Buenos Aires-Argentina por pesquisadores da UFRN dos Programas de Pós-graduação em Educação (Camila Rodrigues dos Santos, Josângela Bezerra da Silva e Marcelo dos Santos Bezerra) e de Pós-graduação em Ciências Sociais (Erivânia Melo de Moraes).

Nessa abordagem estrutural no círculo central, mais interno, estão as palavras mais lembradas e compartilhadas pelo grupo de sujeitos da pesquisa. Nos demais círculos estão as palavras que foram evocadas com menos frequência e que não foram classificadas na primeira posição pelos pesquisados. Em cada círculo percebe-se que há fendas, que significam que os termos evocados podem transitar tanto para o círculo central como para a extremidade dos círculos em movimentos de aproximação e afastamento do núcleo central das representações sociais. Esses movimentos dependem da ordem e frequência em que as palavras são lembradas e classificadas pelos sujeitos da pesquisa na aplicação da TALP.

Partindo da esfera mais ao centro encontramos as palavras que formam o núcleo central e que foram evocadas 37 vezes e classificadas somente na primeira posição. Na esfera posterior a esta, encontramos os Elementos Intermediários I, cujos termos surgiram 21 vezes e foram classificadas na primeira e segunda posições. Na penúltima esfera encontramos os Elementos Intermediários II, cujas evocações surgiram

17 vezes nas segundas e terceiras posições. Na última esfera estão os elementos periféricos que foram mencionados 22 vezes, no entanto, sem ser classificados na primeira posição.

A figura do Espiral de Sentido revela o núcleo central dos termos que representam a discussão de gênero na escola para os licenciandos do curso de Pedagogia da UFRN. Este núcleo composto pelas palavras IMPORTANTE, NECESSÁRIA e POLÊMICA é um entendimento coletivo do grupo estudado, no qual nos permite refletir que a discussão de gênero na escola se relaciona com anseios democráticos e garantia de direitos, de modo que deveria ser algo tão natural quanto falar de ensino e aprendizagem.

Ademais, revela também que em função da ausência desse conteúdo na formação dos pedagogos, os pesquisados entendem que não é possível ensinar o que não se sabe. Assim, uma formação docente que capacite uma intervenção pedagógica qualificada e que seja capaz de dialogar com as mudanças sociais deve ter como eixos centrais a prática reflexiva e a participação crítica, buscando os meios para torná-la efetiva. (PERRENOUD, 1999)

Nessa perspectiva, as falas dos sujeitos nos permitem refletir sobre representações que tratam de uma democracia participativa que a discussão de gênero pode favorecer por meio das práticas pedagógicas no ambiente da formação inicial e continuada dos pedagogos. A “discussão de gênero na escola é direito assim, como direito a todo o processo de educação escolar. Liberdade de conhecimento e escolha. Oportunidade de expressar sua opinião e conhecer a dos demais” (SUJEITO 19, 2017). Para outro pesquisado “a questão de gênero dentre outros aspectos trata-se de uma problemática que envolve o processo de conscientização, respeito, a diversidade e a inclusão como fatores primordiais do direito humano garantidos pela legislação em reconhecimento das diferenças” (SUJEITO 50, 2017).

As novas formas de se pensar os arranjos sociais denotam uma abertura das consciências para a existência de uma diversidade social que não é apenas discursiva, mas se materializa nos mais diversos espaços sociais que tem facetas étnicas, raciais, sexistas, de gênero, entre outras. Nesse contexto, a ideia de a discussão de gênero na escola ser necessária ainda persiste; entretanto, não se efetiva por que discutir gênero na escola talvez seja muito polêmico, deixando revelar, dessa maneira, a inconsistência da formação pedagógica no que diz respeito em como lidar com essa temática. De acordo com Dias (2014), essa reflexão é reiterada quando ele sinaliza para a importância de os estudos de gênero fortalecerem a construção de novas bases teóricas para análise da sociedade por meio de contextos de mudanças e protagonismos.

Outra reflexão que abordamos nesse artigo está ancorada nas nuances da formação do pedagogo, cujas falas de alguns sujeitos desse estudo nos leva a compreender que “[...] a escola tende muitas vezes a não preparar seus profissionais para abordarem esse tema em sala de aula. [...] falar sobre gênero é formativo não só para os alunos, mas também para o próprio professor [...]” (Sujeito 31, 2017). Já

para o sujeito 51 (2017) “o termo apesar de antigo ainda é muito desconhecido pelos professores e alunos, por isso existe uma grande dificuldade em tratar a temática”.

Dentre tantas outras, essa é mais uma visão, acerca da atuação do professor na escola ancorada nas falas dos sujeitos que nos permite perceber sentimentos de impotência e de desconforto profissional. Para Perrenoud (1999), a ação docente precisa estar cheia de sentidos pedagógicos e, portanto, almejar por uma prática reflexiva e motivada em querer fazer o seu trabalho de modo mais eficaz e dentro dos limites éticos da atuação profissional.

As falas dos participantes desse estudo nos revelam o quanto os elementos evocados, contidos no Espiral de Sentidos, estão correlacionados por meio de uma retroalimentação semântica que ratifica a representação simbólica de discussão de gênero por meio dos termos importante, necessário e polêmica. Diante disso, Jodelet (2001) afirma que existe uma relação de simbolização e interpretação entre a representação social e seu objeto num determinado contexto de significados de um grupo de sujeitos.

Nesse processo de construção da representação, compreendemos por meio das justificativas dos pesquisados que os elementos mais compartilhados é, de fato, o que predomina no campo simbólico dos sujeitos. Entretanto, a necessidade da discussão de gênero está muito presente, o que demonstra que o dito ainda não se tornou ação pelo entendimento do quão polêmico é pensar e agir sobre a importância de ter práticas pedagógicas para lidar com essa temática.

O que está em curso é uma simbiose de elementos compartilhados a partir de variáveis dos processos de comunicação social, das teorias científicas e dos saberes do cotidiano. Ou seja, se entrecruzam o universo consensual, senso comum, e o universo reificado, conhecimento científico, a partir do processo de resignificação, cujos sujeitos procuram por meio das informações disponíveis no campo simbólico aproximações com as teorias de gênero no seu cotidiano (Moscovici, 2015). Assim, forma-se uma fotografia representativa do real que naturaliza e recontextualiza novamente no social, retornando ao sujeito que recorre ao que lhe é familiar para converter a novidade, dando-lhe sentido à manutenção do status do grupo.

CONCLUSÕES

A investigação científica, por meio de estudos teóricos e metodológicos como a aplicação da TALP à luz da Teoria das Representações Sociais, alcançou seus objetivos e encontrou resultados que nos mostram nas falas dos sujeitos, licenciandos do curso de Pedagogia da UFRN, que a discussão de gênero na escola ainda não se efetiva, de forma pedagógica, tanto pelas lacunas na formação inicial, como na formação continuada dos pedagogos.

As prováveis representações sociais dos alunos do curso de Pedagogia acerca das discussões de gênero, percebidas nesse estudo, agrupam-se em categorias abertas

e configuram representações em transição. De um lado representações que denotam aceitação das discussões de gênero na escola como forma de garantir equidade nas relações de gênero, atribuindo a escola o papel de salvar a sociedade. Por outro lado, a existência de representações que sinalizam outros ambientes e indivíduos fora da escola que possam discutir gênero, mais especificamente o ambiente familiar, e, assim, eximir o professor de sua atuação pedagógica.

Compreendemos que esse estudo científico não teve quaisquer pretensões de esgotar as reflexões acerca das representações sociais de discussão de gênero na escola dos licenciandos do curso de Pedagogia da UFRN. As representações sociais não são apenas rígidas e estáveis. Elas são flexíveis e transitam no campo simbólico e social dos sujeitos para explicarem seus comportamentos por meio de compartilhamentos. Nesse sentido, queremos indicar, portanto, que há outras direções para novos estudos nessa temática à luz da Teoria das Representações Sociais a fim de apreender nuances ou aspectos que nos pareceram poucos revelados.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DIAS, Afrancio Ferreira. **Representações Sociais de Gênero no Trabalho Docente: sentidos e significados atribuídos ao trabalho e a qualificação**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In JODELET, D. (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17-44.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2015.

PERRENOUD, Philippe. **Formar professores em contextos sociais em mudança: Prática reflexiva e participação crítica**. Revista Brasileira de Educação Set/Out/Nov/Dez 1999. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/rbe/files/rbe_12.pdf> acesso em: 10 set. 2018.

PUPO, Kátia Regina. **Violência moral no interior da escola: um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero**, 2007. 242 f. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history, Nova York, Columbia University Press, 1986. In: DABAT, Cristiane Rufino; ÁVILA, Maria Betania. (trads.). **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1993.

SOBRE A ORGANIZADORA

Gabriella Rossetti Ferreira

- Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).
- Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.
- Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-308-8

